

O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO ISLÂMICO NA OBRA DE KAREN ARMSTRONG

Giuliana Nair Lucchesi Ambrosio (IC) e Sérgio Ribeiro Santos (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

Trata-se de artigo científico concebido através de revisão bibliográfica das obras da autora Karen Armstrong, em que a ideia de Fundamentalismo Religioso é desenvolvida, objetivando a apresentação de tal conceito dentro do Islamismo. Buscou-se, além de compartilhar a visão da escritora, contribuir para a discussão acadêmica acerca do tema, considerando a sua importância para a contemporaneidade. Não obstante as obras “Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo”, “Campos de Sangue: religião e a história da violência”, “Uma História de Deus” e “Maomé: uma biografia do profeta”, todas de autoria da Karen Armstrong, outras importantes fontes foram utilizadas para a elaboração do presente trabalho, em razão da complexidade do tema. O Fundamentalismo Religioso, como fenômeno social e moderno, está presente em todos os monoteísmos e se apresenta a partir de peculiaridades em cada uma das religiões. A escolha do Islã como vertente para este artigo se deu considerando a necessidade de uma visão histórica, baseada em fontes e pesquisas, despida de estereótipos e “orientalismos”. Assim, em poucas páginas, restará demonstrada a pertinência do tema, uma visão ampla do Fundamentalismo nos monoteísmos, as raízes deste fenômeno dentro do Islã, que passa por sistemas como Imperialismo e Secularismo, o movimento político que subverte os princípios religiosos e algumas consequências. Ao final, espera-se que o leitor avance na compreensão da visão de Karen Armstrong acerca do Fundamentalismo Religioso e consiga ter uma perspectiva histórica de tal fenômeno.

Palavras-chave: Fundamentalismo religioso. Islã. Karen Armstrong.

ABSTRACT

This is a scientific article conceived through a bibliographic review of the works of the author Karen Armstrong, in which the idea of Religious Fundamentalism is developed, aiming at the presentation of such a concept within Islam. It was sought, in addition to sharing the writer's vision, to contribute to the academic discussion on the subject, considering its importance for contemporaneity. notwithstanding the works “The Battle for God”, “Fields of Blood: Religion and the History of Violence”, “A History of God” and “Muhammad: a biography of the prophet”, all authored by Karen Armstrong, other important sources were used for the preparation of this work, due to the complexity of the topic. Religious Fundamentalism, as a social and modern

phenomenon, is present in all monotheisms and presents itself from the peculiarities of each of the religions. The choice of Islam as a source for this article was based on the need for a historical view, based on sources and research, stripped of stereotypes and “orientalisms”. Thus, in a few pages, the relevance of the theme will be demonstrated, a broad view of Fundamentalism in monotheisms, the roots of this phenomenon within Islam, which passes through systems such as Imperialism and Secularism, the political movement that subverts religious principles and some consequences. In the end, it is expected that the reader will advance in the understanding of Karen Armstrong's vision of Religious Fundamentalism and be able to have a historical perspective of this phenomenon.

Keywords: Religious fundamentalismo. Islam. Karen Armstrong.

1. INTRODUÇÃO

Introduzir este artigo é, possivelmente, o momento mais intrincado do trabalho – há muito resultado a ser demonstrado e certa limitação espaço-temporal. Ainda assim, recorro a um trecho da apresentação à edição norte-americana do livro *Aladim*, publicada em 2019, e escrita por Paulo Lemos Horta. Dentre muitos apontamentos, Horta nos apresenta ao termo “Síndrome de Aladim”, de expressão utilizada para as tendências ocidentais em representar o Oriente Médio (arte, cultura e sociedade) com base na obra “As mil e uma noites” ou em ficções, a exemplo, o filme produzido pela Disney e que dá origem ao nome da expressão.

Sob a perspectiva de Horta, as multifacetadas culturas e povos do Oriente Médio seriam apresentados (ou representados) através de uma mistura distante da realidade e, nas palavras do próprio autor, “da fonte original”. É possível compreender a problemática de se conhecer uma etnia a partir de um gênero ficcional, que acaba por enraizar estereótipos e empobrecer a miscelânea cultural por meio de um único personagem ou história que, reitera-se, é fictícia ou minimamente reducionista. O trecho abaixo traz uma evidência das consequências que tal síndrome pode causar:

Talvez o sintoma mais surpreendente da ‘Síndrome de Aladim’ tenha sido a pesquisa realizada entre eleitores do Partido Republicano, em dezembro de 2015, na qual trinta por cento dos entrevistados apoiaram o bombardeio norte-americano a Agrabah, cidade ficcional em que a ação do referido desenho animado *Aladim*, produzido pela Disney, é ambientada. (HORTA, 2019, p. 29)

A partir dessa pesquisa pudemos enxergar parte dos impactos que a estereotipização ocasiona e, nesta esteira, acabamos por recordar dos ensinamentos de Edward Said que, na obra “*Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*”, nos diz que Orientalismo é “um estilo ocidental para dominar”, o Oriente na experiência ocidental europeia (SAID, 2007, p. 29). Esse estilo, ao qual faz referência, não só passa a ser utilizado na dominação, como também para criar enredos combativos (nós x eles), vide a vontade de trinta por cento dos entrevistados em bombardear uma cidade que não existe. Said complementa, ainda, sobre a representação midiática do Oriente no Ocidente.

Nos filmes e na televisão, o árabe é associado com a libidinagem ou com a desonestidade sanguinária. Ele aparece como um degenerado excessivamente sexuado, capaz de intrigas inteligentemente tortuosas, é verdade, mas essencialmente sádicas, traiçoeiras, baixas. Traficante de escravos, camaleão, cambista, um patife pitoresco [...] O líder árabe (de saqueadores, piratas, insurgentes ‘nativos’) é muitas vezes visto rosnando para o herói e a loira ocidentais cativos. (SAID, 2007, p. 383)

Tal situação nos encaminha, ainda, a pensar acerca da pertinência do tema da presente pesquisa. O Islã pertence ao tríplice conjunto das religiões monoteístas, aquelas em

que se acredita em Deus único e, de acordo com algumas pesquisas, é a religião que mais cresce no mundo¹. Assim como ocorre no cristianismo e no judaísmo, o fenômeno do fundamentalismo aparece junto a esta religião e se mostra intrinsecamente complexo.

O fundamentalismo não se limita aos grandes monoteísmos. Ocorre também entre budistas, hinduístas e até confucionistas que rejeitam muitas das conquistas da cultura liberal, lutam e matam em nome da religião e se empenham em inserir o sagrado no campo da política e da causa nacional. (ARMSTRONG, 2009, p. 9)

Karen Armstrong nos presenteia com uma coletânea de estudos acerca das religiões e consegue apresentar características comuns e particulares sobre o fundamentalismo dentro de inúmeras doutrinas religiosas, mas, especialmente, nos monoteísmos. Inglesa, viveu uma vida monástica por sete anos, passou a dedicar-se à literatura moderna e ao estudo das religiões, mostrando-se apta para contribuir com a produção de conhecimento acadêmico, atual e desmistificado a respeito do tema.

E antes de continuarmos, essencial compreender três pontos que farão a diferença na leitura daquilo que será desenvolvido abaixo: *i* árabe é etnia e Islã é religião, nem todo árabe é muçulmano e nem todo muçulmano é árabe (compreensível tal equívoco, tendo em vista a origem da religião, a língua utilizada em seus rituais e a prevalência no Oriente Médio); *ii* *Allah* (Alá) é a palavra árabe que significa “Deus”, idêntico ao deus dos judeus e dos cristãos (KUNG, 2017, p. 113), assim como *Dio* em italiano e *God* em inglês; por fim *iii* a palavra *Islam* (Islã) significa submeter-se a Deus e *muslim* (muçulmano) é aquele que se sujeita.

Desconhecer os preceitos e as bases religiosas, inteirar-se a partir de rótulos, reduzir uma mistura rica a uma unidade que não existe, nos parece ser a fonte de parte da estranheza que alguns sentem ao tratar sobre o Islã e os seus seguidores. Ademais, historicamente, fomos influenciados pela colonização europeia e pouco se produziu a respeito do Oriente, o que nos leva ao desconhecimento que, por sua vez, contribui para fomentar sentimentos xenofóbicos e/ou de intolerância religiosa – afinal, essa visão estereotipada “do Islão como imagem hostil, já só apreende a realidade de forma selectiva.” (Kung, 2017, p. 39).

A própria Karen Armstrong, no prefácio da obra “Maomé: uma biografia do profeta”, menciona que a “ampla maioria dos ocidentais tem uma compreensão tão insuficiente do Islã que não está preparada para julgá-lo de modo justo ou discutir este assunto de forma proveitosa” (ARMSTRONG, 2002, p. 11). E é contra esse despreparo que o presente artigo

¹ LIPKA, Michael. *Muslims and Islam: Key findings in the U.S. and around the world*. 9 ago. 2017. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/08/09/muslims-and-islam-key-findings-in-the-u-s-and-around-the-world/>. Acesso em: 15 ago. 2017.

busca atuar, tarefa árdua, mas necessária. Afinal, o próprio fenômeno que dá origem ao nosso tema, conforme se demonstrará, é de difícil conceituação e delimitação.

Portanto, abordar a questão fundamentalista religiosa islâmica do ponto de vista da Karen Armstrong fez-se o problema e o objeto da presente pesquisa, que se justifica em razão da necessidade de compreensão, a partir da História, do referido fenômeno, complexo (“o fenômeno é certamente muito mais complexo do que a mídia sugere”) (ARMSTRONG, 2002, p. 52) e moderno, fonte de preconceitos e de consequências para o mundo e para a vida dos bilhões de muçulmanos. Espera-se contribuir para a elucidação da dinâmica fundamentalista, por meio de um estudo científico, instigando os leitores a continuarem na busca por informações que os façam romper com a ótica “orientalista” imperialista.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

“Nós precisamos da história do Profeta nestes tempos perigosos” (ARMSTRONG, 2002, p. 13). Em 610, Muhammad ibn Abdullah, conhecido por Maomé, morava no território que corresponde ao que chamamos de Meca, na Arábia Saudita e, em uma das suas habituais meditações, passou a receber a recitação daquilo que, posteriormente, se transformaria no livro sagrado dos muçulmanos, o Alcorão. Este órfão desconhecia que, a partir de então, daria início à segunda maior religião monoteísta da contemporaneidade, contando com mais de um bilhão de fiéis ao redor de todo o mundo. A mensagem corânica se fundamenta, basicamente, na formação de uma sociedade justa (ARMSTRONG, 2002, p. 107), através da distribuição de riquezas, sendo um dos seus cinco pilares, o *Zakat*, um tipo de doação exigida pela ética muçulmana. Não à toa que as pessoas mais humildes de Meca tenham sido as primeiras a serem atingidas pela mensagem de esperança de Maomé, especialmente mulheres e escravos. Ele próprio viveu uma vida simples (ARMSTRONG, 2002, p. 109). E, não obstante o alcance dos dias de hoje, sabe-se que, de início, a aceitação daquilo que pregava não fora fácil.

Nasceu na tribo *Quraysh* (Coraixita), que posteriormente viria a ser sua grande opositora, e, que assim como os demais árabes, eram politeístas, além de responsáveis pela Caaba, hoje local sagrado e direção adotada para as orações de todos os muçulmanos. A peregrinação feita ao templo fomentava o comércio da região e os mercadores árabes aproveitavam economicamente de tal situação. Assim, é fácil compreender o motivo pelo qual a mensagem de Maomé não fora, de início, aceita – a região era formada por tribos politeístas que viviam pelo comércio gerado através da peregrinação. A própria prostração feita durante

as orações era criticada, afinal, como beduínos independentes se inclinariam como escravos? Em meio à perseguição que sofria, Maomé mudou-se para *Yathrib* (Medina) e, depois desse momento, conhecido como Hégira, seus ensinamentos começaram a ser espalhados com uma velocidade incrível, até mesmo depois de sua morte. Maomé foi capaz daquilo que poucos acreditavam ser possível: unificar a sociedade árabe tribal sob a crença monoteísta, a *Ummah*. Em pouco tempo, seus seguidores instalariam um Império extenso no qual Armstrong afirma que não houve tentativa de conversão forçada (ARMSTRONG, 2002), coexistindo com as outras religiões e com a liberdade de culto (essa convivência pacífica foi visível tanto no Império Islâmico quanto na Península Ibérica quando em posse moura e, até mesmo, durante o Império Turco Otomano).

Esse respeito é imposto pelos princípios islâmicos, afinal o Islã nasceu no seio do pluralismo religioso, Maomé “afirmava estar de acordo com as revelações anteriores” (ARMSTRONG, 2002, p. 182), considerando sagrado todos os profetas que o precederam, além de nunca ter pedido a conversão, deixando os cidadãos livres (ARMSTRONG, 1994, p. 200) e o Alcorão enfatiza o parentesco para com as religiões mais antigas (ARMSTRONG, 1994, 200). Apesar da concepção de intolerante, o “Império Islâmico serviu de morada a judeus e cristãos durante séculos” (ARMSTRONG, 2002, p. 102), o que, à época, era impossível na Europa Ocidental. E é neste momento, por volta do século X, que surge o princípio da visão hostil e estereotipada quanto ao Islã e aos muçulmanos – o que coincide com expansão territorial destes últimos. Então, por que Karen afirma que no “Ocidente nunca fomos capazes de lidar com o Islã”? (ARMSTRONG, 2002, p. 14) Essa história de hostilidade começa a surgir quando o Ocidente se vê desafiado pelo Império que se expandia.

Intelectuais ocidentais denunciavam o islamismo como uma religião blasfema e o seu profeta Maomé como o Grande Farsante, que fundou uma violenta religião da espada para conquistar o mundo. ‘Mahomet’ se tornou um bicho-papão para os europeus, usado pelas mães para assustar crianças desobedientes. (ARMSTRONG, 2002, p. 18)

Imagens distorcidas foram criadas, como se fossem inimigos da civilização, apesar de não haver nada que suscite ser o Islã antiocidental. Católicos do século XIX afirmavam ser o Islã o Anticristo (ARMSTRONG, 2002, p. 31) e o próprio papa Clemente V (1305-1314) declarou ser a presença muçulmana em território europeu um “insulto a Deus” (ARMSTRONG, 2002, p. 36), estimulando o ódio anti-islâmico que, em poucos anos, alcançaria o seu auge. Dante Alighieri, na sua obra Divina Comédia, lega a Ibn Sina (Avicena) o Limbo e a Maomé o oitavo círculo do Inferno. A ideia de que Alá seria um deus diferente do cristão ou judeu, e de que muçulmanos venerariam seu Profeta também surgem neste momento e existem até os dias de hoje, dentre os menos informados.

O escritor francês Amin Maalouf afirma que “enquanto para a Europa Ocidental a época das cruzadas era o despontar de uma verdadeira revolução [...] no Oriente estas guerras santas iam desembocar em longos séculos de decadência e obscurantismo” (MAALOUF, 2020, p. 286). O próprio livro sagrado fora objeto de descrédito, tido como maçante, enfadonho, confuso, bruto, desordenado, afinal, o pensamento era: “se ‘nós’ não entendemos o Corão então é porque não há o que entender” (ARMSTRONG, 2002, p. 47). É claro que tudo isso afetou a imagem ocidental do Islã. Parte do problema está nessa reprodução que não parou por aqui.

Essa é uma imagem que persegue o islã no Ocidente cristão desde a Idade Média, embora os cristãos travassem nesse período suas próprias guerras santas no Oriente Médio. Hoje, livros populares e programas de televisão frequentemente apresentam títulos como: a Ira do Islã, a Espada do Islã, a Ira Sagrada ou o Terror Santo. (ARMSTRONG, 2002, p. 186)

E antes de adentrarmos no fenômeno fundamentalista em si, considerando que, ironicamente, é moderno e demanda maior reflexão sobre Imperialismo e Secularismo, debrucemo-nos ao tema dos estereótipos que contribuirá (e muito) no nosso caminho. Em razão do “orientalismo” e servindo aos interesses ocidentais, disseminou-se uma visão machista – mulheres isoladas, cobertas e sem direitos –, violenta e anticristã da religião. No entanto, um conhecimento superficial, até mesmo, nos dirá que tal imagem pouco confere com a realidade. Começemos pela circuncisão feminina: trata-se de costume africano nunca citado no Alcorão (ARMSTRONG, 2002, 19). Homens e mulheres são vistos como iguais, “compartilhando as obrigações e os privilégios do islã em uma sociedade igualitária” (ARMSTRONG, 2002, 268) e no “Alcorão, por princípio, os homens e as mulheres são iguais perante Deus, porque ambos foram criados por Deus” (KUNG, 2017, 199) (e lembremos dos iluministas que, em pleno século XVIII discursavam sobre igualdade, mas sem incluir as mulheres nessa concepção). Nenhuma mulher deve se casar contra a sua vontade, estipula o Alcorão (ARMSTRONG, 2002, p. 216). Divórcio, direito que só chegou ao Brasil em 1977 e que enfrentou dura resistência da Igreja Católica², já era previsto no Islã desde o seu princípio, no século VII, sendo o dote devido à mulher, e não a sua família (ARMSTRONG, 2002, p. 216).

Em uma sociedade tribal como a pré-islâmica do século VII, em que as mulheres eram subjugadas e equiparadas a escravos (ARMSTRONG, 1994, p. 207), a preocupação de Maomé (ARMSTRONG, 2002, 218) e os direitos dados a elas era revolucionário. O infanticídio feminino era comum e no Alcorão há expressa proibição ao assassinato de meninas, bem como reprovava “a consternação com o nascimento de uma filha.” (ARMSTRONG, 1994, p. 207)

² BELTRÃO, Tatiana. *Divórcio demorou a chegar no Brasil*. 04 dez. 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/divorcio-demorou-a-chegar-no-brasil>. Acesso em: 11 ago. 2022.

Às mulheres fora dado o direito de herança e de ser testemunha, ou seja, uma existência legal que o Ocidente demorou séculos a conceder (ARMSTRONG, 2002, p. 216). Muito diferente da própria visão de Santo Agostinho sobre as mulheres: para ele, “esposa ou mãe, não importa; continua sendo Eva, a tentadora, da qual devemos nos acautelar” e “se era de boa companhia e conversa que Adão precisava, melhor teria sido criar dois homens amigos, não um homem e uma mulher” que transmite o pecado original (ARMSTRONG, 1994, p. 167).

A própria poligamia, que permeia o imaginário ocidental, deve ser analisada dentro do seu contexto histórico – o Islã, como já mencionado, surge em meio a tribos na Arábia, tribos estas que já praticavam a poligamia. Muitas mulheres eram forçadas a casar para que os homens as explorassem (ARMSTRONG, 2002, p. 216) e esses homens poderiam casar-se com quantas mulheres desejassem (ARMSTRONG, 2002, p. 217). Assim, quando Maomé estipula que um homem só poderia casar-se com até quatro mulheres, não os dá uma licença, mas sim uma limitação. Ademais, estipulou requisitos para tanto, como tratá-las e provê-las com igual respeito e imparcialidade, condições difíceis de serem cumpridas, sem incentivar a sua prática, apenas para situações em que era necessário, como para resguardar uma mulher viúva, por exemplo. Hoje não é um costume típico em meio aos muçulmanos, considerando que as guerras que deixavam as mulheres viúvas logo cedo já não existem mais como as do século VII. Traçando um comparativo com a Igreja Fundamentalista de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, percebe-se que, nesta ordem, a poligamia é incentivada como um “dever divino” ao qual as mulheres devem obedecer³, o que não acontece na perspectiva corânica. Para Armstrong, muitos filmes (como *Harem*, produção americana) “dão um retrato absurdo e exagerado da vida sexual dos xeques muçulmanos, que revela mais as fantasias do Ocidente que a realidade.” (ARMSTRONG, 2002, p. 265).

Por fim, ainda sobre o papel das mulheres na *Ummah*, Maomé incentivava uma participação ativa nos assuntos relacionados à comunidade (ARMSTRONG, 1994, p. 207). Tanto é que Aisha, esposa do Profeta, tornou-se autoridade importante no que dizia respeito à vida, prática religiosa e política, tendo liderado, inclusive, uma revolta depois de sua morte (ARMSTRONG, 2002, p. 270). O Alcorão dirige-se às mulheres frequentemente, o que “raras vezes acontece nas Escrituras judaicas ou cristãs.” (ARMSTRONG, 1994, p. 207). Sem dúvidas a participação ativa e encorajada pelo Maomé de mulheres na formação da religião é chocante e intelectuais cristãos na Idade Média “criticavam o islã por dar tanto poder a seres inferiores como escravos e mulheres.” (ARMSTRONG, 2002, p. 225).

As mulheres não foram subjugadas pelo Islã, como as pessoas tendem a imaginar no Ocidente. Algumas descobriram que o islã permitia que

³ *KEEP SWEET: PRAY AND OBEY*. Trad. Rezar e Obedecer. Direção: Rachel Dretzin. Netflix. Estados Unidos: Netflix, 2022. Netflix.

desenvolvessem seu potencial de um modo inconcebível durante a *jahiliyah*. (ARMSTRONG, 2002, p. 270)

Há ainda o estereótipo, dentre os cristãos, de que muçulmanos difamam ou blasfemam a Jesus, o que é notoriamente errôneo. No Alcorão, Jesus de Nazaré é mencionado em quinze capítulos e em mais de cem versículos (KUNG, 2017, p. 558). Jesus (*Isa*), filho de Maria (*Isa ibn Maryam*), “tem mais nomes e títulos honorários do que qualquer outra figura no Alcorão.” (KUNG, 2017, p. 559), aclamado como o “profeta enviado” (*nabi rasul*), assim como Moisés, Davi e Maomé. Não bastasse, por onze vezes é chamado de “messias” (*al-masih*) e aquele que é ungido, “está limpo de pecado, ou abençoado.” (KUNG, 2017, p. 559). “Espírito de Deus” (*ruh min Allah*) (KUNG, 2017, p. 559), pelo seu nascimento virginal, que também é um dogma muçulmano, Jesus fez milagres como curar doentes e ressuscitar os mortos. Não há dúvidas sobre a “cristologia profética e teocêntrica” do Alcorão (KUNG, 2017, p. 559). Além disso, Maria também guarda um lugar especial no islamismo. Mãe de Jesus, Maria é “considerada acima de todas as mulheres no Paraíso” (KUNG, 2017, p. 560) e seu nome é muito comum dentre as muçulmanas, assim como o nome Mohamad, dentre os homens. Existe uma manifesta reverência quanto às duas figuras.

Alguns afirmam que o islamismo é uma religião que proíbe o estudo ou a arte, mesmo que os primeiros muçulmanos “tenham fundado uma civilização de grande beleza e estabelecido uma tradição filosófica racionalista que serviu de inspiração aos intelectuais do Ocidente medieval” (ARMSTRONG, 2002, p. 129). O Alcorão, em momento algum, pede que os seus seguidores abduquem da razão, ao contrário, os sinais estão ali “para as pessoas que têm discernimento” (ARMSTRONG, 2002, p. 116) e alguns místicos, inclusive, fazem uso da ciência e da matemática como forma de contemplação. A própria fé em Deus não deve ser irracional (KUNG, 2017, p. 126) e nunca houve “conflito entre racionalismo científico e a religião na tradição islâmica” (ARMSTRONG, 2002, p. 116).

Vimos que sua fé os incentivara a adotar valores semelhantes aos do Ocidente moderno: justiça social, igualitarismo, liberdade individual, espiritualidade de bases humanas, política secular, fé privatizada, cultivo do pensamento racional. (ARMSTRONG, 2009, p. 92)

O último estereótipo que trataremos gira em torno da violência, seria o Islã a religião da espada? A resposta é não. O Alcorão abomina a guerra, os muçulmanos são orientados a nunca começar as hostilidades, “pois a única guerra justa é a de autodefesa” (ARMSTRONG, 2002). Neste quesito, o Ocidente também legitima a autodefesa, por exemplo, no nosso Código Penal (Lei nº. 2.848/1940⁴) há uma exclusão de ilicitude caso o agente pratique o fato em legítima defesa (artigo 23, inciso II), ou seja, o ato deixa de ser considerado crime. A raiz

⁴ BRASIL. Código Penal, de 07 de dezembro de 1940. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm. Acesso em: 15 ago. 2022.

da palavra Islã significa paz e reconciliação (ARMSTRONG, 2002, p. 237). Como diz Kung, a imagem do inimigo alivia a nossa culpa, estabiliza, polariza (KUNG, 2017, p. 37). Mas como os estereótipos colaboram para o fenômeno do fundamentalismo religioso? De acordo com Karen Armstrong, tal visão inexata seria usada para justificar as invasões coloniais (sempre agressivas) aos países muçulmanos (ARMSTRONG, 2009, p. 222). Imperialistas ocidentais entre os séculos XIX e XX, usariam “a retórica da liberdade” (ARMSTRONG, 2016, p. 217) e propagariam a noção de inferioridade e de necessária correção do Oriente pelo Ocidente (SAID, 2007, p. 74). François René de Chateaubriand, político francês, diria que os árabes eram o exemplo da selvageria e, portanto, estavam

clamando pelo controle do Ocidente, já que para eles era impossível cuidar de seus próprios interesses. No Corão não havia ‘nenhum princípio civilizatório, nenhum preceito que possa elevar o caráter’. (ARMSTRONG, 2002, p. 48)

Ernest Renan, influente filósofo francês do século XIX, afirmava que o hebraico e o árabe (de origem semita) eram línguas “degradadas”, “desvios da tradição ariana”, “irremediavelmente defeituosas”, resultados de uma combinação inferior da natureza e de uma evolução interrompida (ARMSTRONG, 2002, p. 48). Conor Cruise O’Brien escreve que a sociedade muçulmana “parece profundamente repulsiva [...] ela parece repulsiva porque é repulsiva” e conclui “A sociedade árabe é doente” (ARMSTRONG, 2002, p. 53).

O século XIX foi caracterizado pelo espírito colonial, que deu aos europeus a crença patológica de serem superiores às demais raças: era sua tarefa redimir os mundos bárbaros da Ásia e da África em uma *mission civilisatrice* (ARMSTRONG, 2002, p. 47)

O guia de cursos de 1975 editado pelos alunos de Columbia College afirmava sobre o curso de árabe que quase toda palavra na língua tinha a ver com violência, e que a mente árabe “refletida” na língua era incessantemente bombástica. Um artigo recente da Emmett Tyrrell na revista Harper’s era ainda mais calunioso e racista, argumentando que os árabes são na essência assassinos e que a violência e o engano estão nos genes árabes. Um levantamento intitulado *The arabs in American textbooks* revela as desinformações mais espantosas, ou antes as representações mais desumanas de um grupo étnico-religioso. (SAID, 2007, p. 384)

E não podemos deixar de citar Lorde Cromer, colonialista britânico que administrava o controlado Egito. No seu trabalho de dois volumes *Modern Egypt* (O Egito moderno) afirmava que “os orientais eram irremediavelmente infantis e diametralmente opostos a ‘nós’” (ARMSTRONG, 2002, p. 50), enquanto europeus têm raciocínio aguçado, “normal”, reforçando a rivalidade nós vs. eles. Atribuía, como principal característica da mente Oriental, “a falta de rigor, que facilmente degenera em falsidade”, além de serem “atrasados, degenerados, incivilizados e retardados, os orientais eram vistos numa estrutura construída a partir do determinismo biológico e da censura moral-política.”, analisados como “problemas a serem resolvidos ou confinados ou – como as potências coloniais cobiçavam abertamente o

seu território – conquistados.” (SAID, 2007, p. 281). Ainda sobre Cromer, alguns fatos precisam ser esclarecidos. Parece-nos que ele se esquece das obras arquitetônicas e civilizatórias do Egito (o que é conveniente). Ativamente freou a produção de algodão de Muhammad Ali, que havia conquistado certo grau de modernização, pois “o algodão do Egito prejudicava os interesses britânicos” (e os seus próprios, já que enriqueceu explorando algodoads) (ARMSTRONG, 2016, p. 337). Por fim, acrescentando mais uma contrariedade a sua biografia, Lorde Cromer se dizia preocupado com as muçulmanas, principalmente pelo uso do *hijab*, mas foi um dos fundadores da *Men’s League for Opposing Women’s Suffrage* (Liga Contra o Voto Feminino), em Londres, (ARMSTRONG, 2009, p. 229), era contrário à emancipação das mulheres (ARMSTRONG, 2016, p. 337) e desfez programas de educação para mulheres criados por egípcios, impedindo-as de se profissionalizar (ARMSTRONG, 2016, p. 337).

Os europeus, por sua vez, passaram a acreditar que sua cultura não só era superior no presente como sempre estivera na vanguarda do progresso. Muitas vezes exibiam uma soberba ignorância da história mundial. Indianos, egípcios e sírios tinham de ser ocidentalizados para seu próprio bem. (ARMSTRONG, 1914, p. 446)

É difícil entender as práticas culturais de outros povos e, normalmente, as mal interpretamos (ARMSTRONG, 2002, p. 225). O uso do *hijab* (véu) é um destes pontos espinhosos. Visto por muitos no Ocidente como opressão masculina, no Alcorão é descrito como um vestuário utilizado pelas esposas do Profeta (ARMSTRONG, 2002, p. 224) e, quando essas mulheres se tornam autoridades respeitadas pela *Ummah*, outras mulheres passam a desejar usá-lo. Assim, “para muitas muçulmanas que adotaram o véu no início, ele era símbolo de poder e influência” (ARMSTRONG, 2002, p. 225). O Alcorão não ordena “que todas as mulheres cubram a cabeça” (ARMSTRONG, 2009, p. 229) e o seu uso sequer é original do Islã, basta observar as imagens de santas católicas, sempre retratadas com véu.

Ocorre que, justamente em razão dessa visão ocidental do véu como marca de atraso e opressão, o *hijab* passou a simbolizar a “autenticidade islâmica” (ARMSTRONG, 2009, p. 229), “símbolo da resistência ao colonialismo” (ARMSTRONG, 2009, p. 230), como se mantém até os dias de hoje. “Nenhuma outra peça de vestuário simboliza, hoje, o modo de vida do Islão como o véu ou o lenço.” (KUNG, 2017, p. 695) e, não obstante, o traje islâmico não corresponde, necessariamente, a uma submissão feminina. Tornou-se um símbolo de convicção religiosa. A todos é solicitada a discrição no vestir, não apenas às mulheres. Por fim, acerca do papel das mulheres “veladas”, a estudiosa Nilufa Göle afirma que “geralmente são militantes, francas e instruídas. Muitas delas desempenharam papel ativo e por vezes heroico na nova ofensiva fundamentalista.” (ARMSTRONG, 2009, p. 397).

Na Europa, estamos começando a perceber que frequentemente interpretamos mal e minamos outras culturas tradicionais, em nossas antigas colônias e protetorados, e muitas mulheres muçulmanas hoje, mesmo as criadas no Ocidente, acham extremamente ofensivo quando as feministas ocidentais condenam sua cultura como misógina. (ARMSTRONG, 2002, p. 225)

Por todo este cenário, não é difícil entender a facilidade que os colonos ocidentais tiveram em conquistar o apoio de sua população. Portanto, durante o século XIX, os europeus, especialmente franceses e ingleses, começam a invadir as terras do Oriente, o que Edward Said afirma ser uma “atitude arrogante” (SAID, 2007, p. 28) e mais, a própria estratégia Ocidental dependia da sua suposta superioridade, já que o objetivo é a dominação (SAID, 2007, p. 34). A esse fenômeno explorador e degradante damos o nome de imperialismo que, embora tenha se inspirado “em uma ideologia mais secular, ele compartilharia a mesma justiça impiedosa e agressiva das Cruzadas.” (ARMSTRONG, 2016, p. 231). E não estava errado; o general Allenby, ao chegar em Jerusalém em 1917, anunciou “que as cruzadas estavam agora completas” (ARMSTRONG, 2002, p. 49) – uma cruzada civilizatória (FEITOSA, 2016, p. 88). Justificando um interesse político europeus e, depois, americano (SAID, 2007, p. 40), davam mostra do desprezo pelos nativos.

‘As fronteiras do Islão estão manchadas de sangue’. E será que as fronteiras do Cristianismo não? Assim se produziram ideias sobre o Islão como opositor, como inimigo, muito úteis para os ideólogos (na América e noutros locais), que precisavam urgentemente de um inimigo para a sua política militar imperialista e ambições hegemônicas: o Islão como imagem do inimigo! (KUNG, 2017, p. 36)

A atitude imperialista é tida, diante de todos os fatos apresentados, como uma ameaça cruel às populações, suas formas de vida, suas culturas e tradições, suas políticas e economias e, é claro, à sua religião. Os imperialistas ocidentais, por vezes, julgam “compreender as tradições muçulmanas melhor que os próprios muçulmanos” (ARMSTRONG, 2002, p. 225) e em muitos países restou uma “memória coletiva de humilhação” (ARMSTRONG, 2016, p. 382), onde alguns utilizam da religião como tentativa de neutralizar as ameaças e as consequências do imperialismo ocidental. Esses ataques irrefreados por décadas e décadas encadeou medo e ódio que, junto à investida secular, não demoraria a fomentar movimentos fundamentalistas (ARMSTRONG, 2009, p. 316).

Cresceu uma geração de pessoas no mundo islâmico que não se sente em casa nem no Oriente nem no Ocidente, e a resposta que muitos encontram foi um retorno a suas raízes. (ARMSTRONG, 2002, p. 297)

E é justamente o secularismo o outro movimento vital para compreendermos o fundamentalismo, em especial, o islâmico. A origem da palavra remonta a França do final do século XVI e, originalmente, “se referia à ‘transferência de bens da propriedade da Igreja para a propriedade do ‘mundo’ (*saeculum*)” (ARMSTRONG, 2016, p. 277). Contudo, engana-se quem pensa que o secularismo é uma questão apenas para os muçulmanos, todas as

religiões se sentem ameaçadas por ele já que, para os secularistas “o ateísmo é a condição irreversível da humanidade na era científica” (ARMSTRONG, 1994, 466).

Essa combinação de imperialismo e secularismo criou uma “forma global de violência sistêmica, cujo motor não era a religião”, mas valores seculares (ARMSTRONG, 2016, p. 306). O nacionalismo, o novo credo da era secular, inaugurou um novo movimento de guerras e fez do século XX um século de assassinatos e genocídios sem precedentes (o primeiro genocídio, o armênio, não foi realizado por fanáticos religiosos, mas por secularistas confessos e o resultado: 1 milhão de mortos) (ARMSTRONG, 2016, p. 340). Tais acontecimentos não eram inspirados na religião, mas em uma noção igualmente sagrada: “os homens lutavam por poder, glória, recursos escassos e, acima de tudo, por sua nação.” – o nacionalismo secular (ARMSTRONG, 2016, p. 322). O aspecto sombrio do secularismo levou ao “racismo científico”, “uma excrecência da Era da Razão que foi muito útil na Era dos Impérios.” (ARMSTRONG, 2016, p. 339).

Com isso, para muitos no Oriente e no mundo muçulmano, o secularismo e o nacionalismo seriam associados com a “limpeza étnica” e a “intolerância religiosa virulenta” (ARMSTRONG, 2016, p. 340). Trata-se de um sistema de opressão e violência do período colonial - “O secularismo não chegou aos súditos como algo liberador e pacífico.” (ARMSTRONG, 2016, p. 338). E muitos são os exemplos: a repartição britânica do subcontinente na Índia (hinduísta) e no Paquistão (muçulmano) em 1947, origem do deslocamento de “mais de 7 milhões de pessoas e a morte de outros milhões” (ARMSTRONG, 2016, p. 328) – a Caxemira, de maioria muçulmana, é dada à Índia e muitas pessoas sequer conseguiam se expressar na língua instituída, passando por severa crise identitária (depois de décadas, as consequências ainda são sentidas, vide problemas enfrentados na Índia). O próprio continente africano foi inteiramente partilhado dentre os europeus.

[...] as contradições inerentes ao Estado-nação seriam especialmente dolorosas no mundo muçulmano, onde não havia tradição de nacionalismo. Como as fronteiras desenhadas pelos europeus eram demasiado arbitrárias, era extremamente difícil criar uma ‘comunidade nacional’ imaginária. (ARMSTRONG, 2016, p. 328)

No Irã, em 1929, no dia da *Ashura* (dia de celebração para os muçulmanos), estudantes que saíam da madrassa *Fayziyah* “foram forçados a tirar as roupas tradicionais e usar vestimentas ocidentais” e, alguns anos depois, soldados arrancavam os véus das mulheres, e milhares foram mortos em protesto contra essa lei da vestimenta (ARMSTRONG, 2016, p. 340). O Holocausto, filho do racismo científico, demonstrava o seu planejamento racional e científico em um esquema de experimentos eugênicos, de “extermínio monumental” pela incapacidade em tolerar minorias (ARMSTRONG, 2016, p. 364). As armas de destruição em massa como a bomba atômica de Hiroshima, a bomba de plutônio em Nagasaki, “os seres

humanos não precisavam mais de Deus para produzir efeitos apocalípticos. A nação tinha se tornado um valor supremo” e, se a nação se torna em um valor absoluto, “não há nada que nos impeça de liquidar aqueles que parecem ameaçá-la.” (ARMSTRONG, 2016, p. 365). A morte de Deus na consciência humana pode ser, igualmente, perigosa (ARMSTRONG, 2009, p. 275).

o ‘mito da violência religiosa’ fundava-se na crença de que a separação da Igreja e do Estado libertaria a sociedade da beligerância inerente à ‘religião’. Mas quase todas as reformas secularizadoras na Europa e em outras partes do mundo começariam com um ataque agressivo às instituições religiosas, o que inspirava ressentimento, anomia, aflição e, em alguns casos, respostas violentas. (ARMSTRONG, 2016, p. 298)

A combinação entre a estereotipização, a humilhação e a exploração, o imperialismo e o secularismo é, possivelmente, a principal fonte de surgimento do fundamentalismo islâmico. Mas, como já mencionado, trata-se de fenômeno oriundo de uma união multifacetada e presente em todos os monoteísmos, complexo, razão pela qual passemos a nos dedicar ao fenômeno isoladamente e, depois, do ponto de vista do Islã. Sempre que a modernidade secular se impõe, há uma tentativa de se retornar aos “fundamentos” (ARMSTRONG, 2016, p. 309), portanto, em grande parte das “regiões em que se estabeleceu um governo secular, também se desenvolveu um protesto religioso contracultural” (ARMSTRONG, 2016, p. 323). O secularismo deixa de ser benéfico, passa a ser “cruel, agressivo e imoral”, e entra em uma relação simbiótica com o extremismo religioso (ARMSTRONG, 2016, p. 344): o nacionalismo secular explora e distorce a religião, enquanto esta vê a adoção de um Estado-nação como igualmente perigoso (ARMSTRONG, 2016, p. 347). Nos monoteísmos, há um medo constante de que a fé tradicional esteja em risco – desse receio da “aniquilação” que derivam muitos movimentos religiosos modernos: ao passo que o secularismo se impõe e o racionalismo “se torna mais hostil à fé, os fiéis assumem uma postura cada vez mais defensiva e sua espiritualidade adquire um caráter mais combativo.” (ARMSTRONG, 2009, p. 156). Dessa maneira, tem-se que o fundamentalismo é uma reação ao secular, mas não imediata, apenas se desenvolve quando esse processo de modernização está avançado (ARMSTRONG, 2009, p. 262).

No século XX, muitos ocidentais acreditavam que a religião nunca mais voltaria a ter destaque nos acontecimentos mundiais (ARMSTRONG, 2009, p. 273), não obstante, a volta aos princípios (ou fundamentos) originais passa a ser a “solução fundamentalista”, a sua contraofensiva (ARMSTRONG, 2009, p. 263). A repressão e a coerção surtem o efeito de sempre: fundamentalistas dos monoteísmos passam a se afastar da sociedade, criam contraculturas (a cultura secular moderna era “um vazio de significado sagrado e moral”), decidem combater os secularistas que, a seu ver, “os oprimiram e os marginalizaram” (ARMSTRONG, 2009, p. 318) e agora estão “em guerra aberta contra o regime e seus etos

secularizados” (ARMSTRONG, 2009, p. 400), que pecam “por idolatria ao venerar o Estado” (ARMSTRONG, 2009, p. 367).

Religiosos e secularistas se olham com horror recíproco e não se enxergam com clareza. Ambos lembram os excessos, as crueldades e a intolerância do ‘outro lado’ e, profundamente feridos, não conseguem reconciliar-se. (ARMSTRONG, 2009, p. 471)

O termo “fundamentalismo” é criticado por Armstrong em alguns momentos por sugerir um fenômeno monolítico, “cunhado na década de 1920 pelos protestantes americanos que resolveram voltar aos ‘fundamentos’ do cristianismo” (ARMSTRONG, 2016, p. 324). Contrariando o senso comum, não se trata de fenômeno necessariamente violento – seja judeu, cristão ou muçulmano. Só uma pequena parcela dos fundamentalistas comete “atos de terror”, enquanto a maior parte tenta viver de acordo com a sua devoção, “e quase todos começam quando se sentem atacados pelo *establishment* secular e liberal” (ARMSTRONG, 2016, p. 324). A raiz comum é o medo e eles se veem lutando contra “forças satânicas” que buscam destruir o mundo: muitas vezes, “os fundamentalistas também se preocupam com o horror da guerra e da violência modernas.” (ARMSTRONG, 2016, p. 325). Pode ser concebido como uma forma mais dramática, “uma religiosidade mais radical”, que surgiu nas grandes religiões como reação a alguma crise. “É uma forma profundamente política de fé” (ARMSTRONG, 2002, p. 15).

Ao mesmo tempo que celebravam as conquistas da sociedade moderna, homens e mulheres experimentavam também um vazio que deixava a vida sem sentido; muitos ansiavam por certezas em meio ao atordoamento da modernidade; alguns projetavam seus temores em inimigos fictícios e imaginavam uma conspiração universal. Encontraremos todos esses elementos nos movimentos fundamentalistas. (ARMSTRONG, 2009, p. 190)

Especificamente em relação ao fundamentalismo islâmico, “ele brotou de uma grande dor” (ARMSTRONG, 2002, p. 297) já que, para milhões no Oriente Médio, o estabelecimento de um Estado-nação secular “parecia uma força sangrenta e destrutiva privando-os do apoio espiritual que tinha sido seu esteio.” (ARMSTRONG, 2016, p. 341). É fácil compreender que os governos seculares das potências exploradoras coloniais, aqueles mesmos que os intitulavam bárbaros, selvagens, inferiores, incivilizados e que os extirparam econômica, política e socialmente, fossem vistos como sistematicamente violentos e militares. “A humilhação, a ocupação estrangeira e a agressão secularizadora criaram um histórico de rancor islâmico.” (ARMSTRONG, 2016, p. 345) e não podemos nos olvidar de que, não só se trata de acontecimentos recentes, iniciados particularmente no século passado, mas que continuam a existir nos dias de hoje.

Em comparação com o fundamentalismo americano, este último se empenha na política, com sucesso. Não recorrem à violência direta porque não a sofreram como os muçulmanos, ao contrário, a modernidade é um “produto nacional”, desenvolvido ao longo do

tempo, e não militarmente imposto por estrangeiros do dia para a noite como no caso do Oriente (ARMSTRONG, 2016, p. 327), em que a modernização “não implicou poder, autonomia e inovação”, mas “perda, dependência e imitação canhestra” (ARMSTRONG, 2009, p. 175). Já o fundamentalismo judaico é semelhante ao islâmico no sentido de não se prender à doutrina (ARMSTRONG, 2009, p. 11), o oposto do fundamentalista cristão, que se apegua à literalidade das escrituras e à busca de “certezas absolutas na estrita correção doutrinária” (ARMSTRONG, 2009, p. 280). Grande parte dos fundamentalistas islâmicos não se ocupa do estudo das fontes das normas e dos princípios religiosos, seus interesses são diferentes (ARMSTRONG, 2009, p. 11).

O fundamentalista islâmico talvez “tivesse sentido politicamente, mas não era nem religioso, nem islâmico.” (ARMSTRONG, 2009, p. 430). No Egito, por exemplo, muitos assumiram um fundamentalismo moderado e, ainda assim, a vasta maioria “considerava o homicídio um pecado grave” (ARMSTRONG, 2009, p. 450) e que distorce totalmente a religião. O próprio significado da vida de Maomé é deturpado pelo fundamentalismo extremo, tendo em vista que era um pacifista, assim “não podemos permitir que os extremistas muçulmanos sequestrem a biografia de Maomé e a distorçam para servir a seus próprios fins” (ARMSTRONG, 2002, p. 13). A maior parte dos fundamentalistas não concordam com atos de terrorismo. Robert Pape, da Universidade de Chicago, investigou todos os ataques suicidas do mundo de 1980 a 2004 e “concluiu que ‘há pouca ligação entre o terrorismo suicida e o fundamentalismo islâmico, ou com qualquer outra religião’” e é uma “resposta política a uma ocupação militar” (ARMSTRONG, 2016, p. 387) – por exemplo, de 38 atentados suicidas no Líbano de 1980, 8 eram muçulmanos, 3 eram cristãos e 27 eram secularistas ou socialistas.

O termo terrorista, muitas vezes usado para designar um fundamentalista islâmico, está envolto em uma confusão terminológica, difícil de definir (ARMSTRONG, 2016, p. 366). De acordo com Armstrong, há um consenso dentre acadêmicos: trata-se de termo que se aplica “a alguns atos de larga escala de violência aterrorizadora contra civis realizados por Estados, e não por grupos independentes.”, portanto, podemos afirmar que todas as organizações terroristas travam uma luta política. É inerentemente político, “mesmo quando outros motivos – religiosos, econômicos ou sociais – estão envolvidos. O terrorismo trata sempre de poder – conquistá-lo ou mantê-lo.” (ARMSTRONG, 2016, p. 367), e o nacionalismo tem servido melhor como inspiração terrorista do que a religião:

especialistas em terrorismo concordam que a negação do direito de autodeterminação nacional de uma população e a ocupação de seu território por forças estrangeiras historicamente são o mais poderoso agente de recrutamento de organizações terroristas, seja sua ideologia religiosa (os xiitas libaneses) ou secular (OLP). (ARMSTRONG, 2016, p. 378)

Não há exemplo melhor do que o Onze de Setembro – os quatro diretamente envolvidos passaram por escolas seculares, apenas um tinha conhecimento do Alcorão e um deles nem era praticante. Marc Sageman, em seu estudo, descobriu que de todos os envolvidos no ataque, “apenas 25% receberam uma criação islâmica tradicional; dois terços tinham uma mentalidade secular até encontrarem a Al-Qaeda; e que o restante era de recém-convertidos. O conhecimento deles sobre o islã, portanto, era limitado” (ARMSTRONG, 2016, p. 407) e conclui, o problema não é o Islã, mas sim a ignorância sobre ele (ARMSTRONG, 2016, p. 408). E em nome do atentado, os Estados Unidos manteve pessoas presas indefinidamente, conduziu interrogatórios violentos e são muitos os relatos de tortura e abusos que demonstram uma brutalidade sistêmica. “Cerca de 3 mil civis foram mortos nos primeiros três meses – grosso modo o mesmo número de Nova York, Pensilvânia e Washington no Onze de Setembro” (ARMSTRONG, 2016, p. 414) e milhares de afegãos viriam a morrer mais tarde, com mais de três milhões de órfãos durante a guerra.

Em março de 2003, apesar da oposição internacional, EUA e Grã-Bretanha invadiram o Iraque. As justificativas eram de que “Saddam Hussein possuía armas de destruição em massa e tinha apoiado a Al-Qaeda, duas coisas que se mostraram falsas.” (ARMSTRONG, 2016, p. 415). Meses depois, fotografias de abusos cometidos por militares americanos contra iraquianos vazaram ao público – “Encapuzados, nus, contorcendo-se no chão, os iraquianos eram mostrados desumanizados, medrosos, bestiais e totalmente dominados pela força superior dos Estados Unidos.” (ARMSTRONG, 2016, p. 416). Os soldados não se esquivavam, demonstrando não ter medo de punição: “‘Foi só por diversão’, disse a soldado Lynndie England, que aparecia nas fotografias andando com um prisioneiro numa coleira como se fosse um cão”. O “terrorismo islâmico se transformou em uma causa política” e

uma pesquisa Gallup feita em 35 países predominantemente muçulmanos descobriu que apenas 7% dos entrevistados achavam que os ataques de Onze de Setembro eram ‘totalmente justificados’; para essas pessoas, os motivos eram completamente políticos. Os 93% que condenavam os ataques, por sua vez, citaram versículos do Alcorão. (ARMSTRONG, 2016, p. 2018)

Em 1996, Lesley Stahl perguntou à embaixadora de Bill Clinton, Albright, no programa *60 minutes* da CBS, se o custo das sanções aplicadas ao Iraque se justificava: “‘Ouvimos que meio milhão de crianças morreram. Digo, é mais do que as pessoas que morreram em Hiroshima... vale a pena?’. ‘Acho que é uma decisão muito difícil’”, foi a sua resposta, “‘mas achamos que vale a pena’” (ARMSTRONG, 2016, p. 419). Desta forma, para Armstrong, os nazistas não foram os únicos a cometer atrocidades, mas também os americanos quando acreditam que as pessoas pertençam a “uma raça ou a alguma religião inferior, desprezível” (ARMSTRONG, 2016, p. 416) e, dessa vez, “o Ocidente não só era cúmplice disso, mas diretamente responsável (ARMSTRONG, 2016, p. 418). Mais recentemente, em 24 de outubro

de 2012, uma idosa paquistanesa foi morta por um drone americano na frente dos seus nove netos pequenos e enquanto colhia legumes. Nunca houve um pedido de desculpas ou uma assunção da responsabilidade. “O diretor da CIA, John O. Brennan, afirmara anteriormente que os ataques de drones não causavam absolutamente nenhuma baixa de civis; mais recentemente admitiu que não é bem assim” (ARMSTRONG, 2016, p. 419).

[...] dificilmente poderemos nos defender da acusação de manter um ‘silêncio arrogante’ diante da dor alheia e de criar uma ordem mundial em que a vida de algumas pessoas é vista como mais valiosa do que a de outras. (ARMSTRONG, 2016, p. 390)

Não só, paradoxalmente, o fundamentalismo é um fenômeno moderno, como o islã radical é considerado “uma religião de jovens” (ARMSTRONG, 2002, p. 18), estudantes de engenharia, matemática e ciência se sentem atraídos pela “sensação de autenticidade e entrosamento” (ARMSTRONG, 2009, p. 451). Por fim, o problema tem se agravado porque, “pela primeira vez na história do islã, os muçulmanos começaram a cultivar um ódio veemente em relação ao Ocidente” e isso se deve, em grande medida, “ao comportamento da Europa e dos Estados Unidos no mundo islâmico” (ARMSTRONG, 2002, p. 18). E, não bastasse, parece a história se repetir: com a Guerra da Ucrânia e Rússia, vimos surgir um fluxo de refugiados amplamente bem recebidos nos países europeus e muitas foram as notícias que tratavam sobre a receptividade que receberam⁵. Ainda assim, quando se trata de muçulmanos, há uma crise de refugiados que faz com que a (mesma) Inglaterra os despache para países africanos como Ruanda⁶, mesmo que a embaixadora do Reino Unido para os Direitos Humanos, Rita French, tenha criticado este país por violações aos direitos humanos, incluindo mortes e tortura⁷. Kelly Cobiella, jornalista correspondente da NBC, chegou a afirmar, ao vivo, ao explicar sobre o recebimento de refugiados ucranianos pela Polônia:

só para ser franco: estes não são refugiados da Síria. Eles são refugiados da vizinha Ucrânia. E isso, francamente, faz parte. Estes são cristãos, eles são brancos. Eles são muito parecidos com as pessoas que vivem na Polônia.⁸

⁵ MACASKILL, Andrew. *Britânicos receberão 350 libras por mês para abrigar refugiados ucranianos: novo esquema, chamado “Casas para Ucrânia”, permitirá que refugiados da guerra cheguem ao país mesmo sem laços familiares.* 13 mar. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/britanicos-receberao-350-libras-por-mes-para-abrigar-refugiados-ucranianos/>. Acesso em: 18 ago. 2022.

⁶ ARANHA, Carla. *Reino Unido deve despachar refugiados para Ruanda nesta terça.* 14 jun. 2022. Disponível em: <https://exame.com/mundo/reino-unido-deve-despachar-refugiados-para-ruanda-nesta-terca/>. Acesso em: 18 ago. 2022.

⁷ MAYES, De Joe. MORALES, Alex. *Boris assina acordo para enviar a Ruanda, com passagem só de ida, imigrantes que pedem asilo ao Reino Unido: país africano receberá R\$ 738 milhões para receber pessoas que a potência europeia rejeita.* 14 abr. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/boris-assina-acordo-para-enviar-ruanda-com-passagem-so-de-ida-imigrantes-que-pedem-asilo-ao-reino-unido-25475300>. Acesso em: 18 ago. 2022.

⁸ ARAB NEWS. *Christians” and “white.” that is how NBCnews reporter compared the difference between refugees.* Youtube, 01 mar. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gFG2ZadDF9s>. Acesso em: 18 ago. 2022.

E isso nos faz questionar, existe, realmente, uma crise de refugiados ou uma crise racista, xenofóbica e de intolerância religiosa? Como diz Armstrong, “a interrupção na comunicação nunca é culpa de apenas uma das partes” e se Ocidente deseja recuperar o respeito do mundo islâmico, precisa reexaminar o seu papel no Oriente e considerar suas próprias dificuldades em relação à religião (ARMSTRONG, 2002, p. 22). Assim, ao Ocidente cabe assumir, em alguma medida, “a responsabilidade pelo fortalecimento da nova facção radical do islã” (ARMSTRONG, 2002, p. 52), já que “nada do que acontece em nosso mundo se dá isoladamente e isento de influências externas” (SAID, 2007, p. 19). No mais, não há nada de verdadeiramente islâmico nos conflitos radicais atuais, ao contrário, “seu comportamento, na verdade, ofende os preceitos fundamentais e sagrados de sua religião” (ARMSTRONG, 2002, p. 204) – o Alcorão é claro, não deve haver compulsão na religião (ARMSTRONG, 1914, p. 205).

Face à ameaça mortal para toda a humanidade, em vez de erigirmos novas barreiras de ódio, de vingança e de inimizade, não deveríamos antes demolir pedra por pedra os muros de preconceitos e assim estabelecer pontes de diálogos e em especial na direção do Islão? (KUNG, 2017, p. 27)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não há paz mundial sem paz religiosa” (KUNG, 2017, p. 25). Esta é, também, a nossa conclusão, tendo em vista que a religião se demonstrou decisivamente presente nas sociedades e, queiramos ou não, estamos profundamente conectados. É impossível generalizar sobre as religiões e sobre o surgimento de formas radicais de religião, como visto, mas há algumas conclusões às quais podemos chegar. É justamente quando a religião se sente suprimida, que a vemos ressurgir mais firmemente atada aos fundamentos e é o fundamentalismo religioso um dos fatos mais preocupantes do século XX – o que é um paradoxo por si só: trata-se de um fenômeno produto da modernidade e que se sente perseguido pela mesma modernidade. Devemos reconhecer que apesar de multifacetado, esse fenômeno se baseia no medo e o avanço do secularismo é um ponto comum dentre os fundamentalismos nos monoteísmos: há sempre o medo da aniquilação, da perda dos valores religiosos e das suas identidades pela modernidade.

No que tange, especificamente, ao fundamentalismo islâmico, Armstrong é precisa ao atribuir à visão estereotipada, aos abusos cometidos em nome do imperialismo e ao nacionalismo, os cargos de requisitos adicionais. Restou demonstrado que as experiências de subjugação colonial e humilhação podem causar danos e se tornar um catalisador da violência. Num mundo muçulmano perpetuamente agredido, é praticamente impossível

impedir a emergência de um sentimento vingativo. Apesar disso, vimos que o Islã não incentiva a violência, apenas a admite em legítima defesa, além de se coadunar com o pensamento racional, científico, justo e igualitário das nações seculares. Portanto, o fundamentalismo não é compatível com os dogmas fundamentais dos monoteísmos – tratar os outros como a si mesmo. Todos os fundamentalismos acabam por falhar quando se tornam em uma teologia do ódio.

Os objetivos da presente pesquisa foram cumpridos e aos problemas de pesquisa foram dadas respostas fundamentadas na revisão bibliográfica das obras de Karen Armstrong. Como já dito, trata-se de tema que clama por um estudo histórico que se comprometa com a complexidade que há por trás do fenômeno. Portanto, espera-se contribuir para com a academia e instigar demais pesquisadores a colaborar na elucidação da temática, o que, sem sombra de dúvidas, favorecerá o encontro de uma convivência pacífica e harmônica dentre os povos – que é sempre o nosso objetivo máximo.

4. REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. *Campos de sangue: religião e a história da violência*. 1 ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2016.

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009.

ARMSTRONG, Karen. *Maomé uma biografia do profeta*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2002.

ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus*. 1 ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1994.

FEITOSA, Samara. *Da Revolução Francesa até nossos dias. Um olhar Histórico*. Curitiba: Intersaberes, 2016.

HORTA, Paulo Lemes. O'SHEA, José Roberto. *Aladim*. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

KUNG, Hans. *Islão: Passado, Presente e Futuro*. Lisboa: Edições 70, 2017.

MAALOUF, Amin. *As cruzadas vistas pelos árabes*. 1 ed. Lisboa: Editora Edições 70, 2020.

SAID, Edward Wadie. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2007.

Contatos: giulianalambrosio@gmail.com e sergio.santos@mackenzie.br